

**EDITORIAL RGSS, V. 5, N. 1 (2016)**

O planejamento de abordagens eficazes e eficientes para a criação de um sistema de prestação de serviços de saúde, baseado não “em fazer o que sabemos”, mas sim em “saber o que fazer” foi o tópico de análise do autor Richard J. Bohmer, médico e professor da *Harvard Business School*, que abordou o grande desafio para os gestores de saúde, em seu livro publicado em 2012, intitulado *Arquitetura e Planejamento na Gestão da Saúde*. O autor fragmentou o sistema de prestação de serviços de saúde americano em quatro componentes: O conhecimento médico; os processos de atendimento; os profissionais; e as empresas prestadoras de serviços, porém, enfatizou que os atuais sistemas de recuperação do paciente são ineficientes, fora de controle, inseguros e de má qualidade, não sendo considerados, portanto, um “sistema”, mas sim uma “colcha de retalhos mal combinados”, cujas partes não se comunicam. Essa ideia soa um tanto familiar, quando pensamos em nosso “sistema único de saúde” (Aquino, 2013).

Dentro de uma mesma perspectiva de análise, Martins e Waclawovsky (2015) encontraram como principais desafios enfrentados pelos gestores brasileiros a falta de planejamento, falta de integralidade das ações em saúde, além de problemas no trabalho em equipe multiprofissional, na participação popular, na regulação do acesso, na gestão dos recursos humanos, na avaliação e na auditoria e gestão da qualidade dos serviços, dentre outros.

De acordo com Bonfada, Cavalcante, De Araujo e Guimarães (2012) para a efetivação dos princípios e diretrizes do SUS, torna-se indispensável rever o direcionamento da produção dos serviços em saúde, ainda fragmentadora, curativista e pontual. Nesse sentido, os autores sugerem que os gestores trabalhem sob uma ótica integral, isto é, repensando as práticas em saúde a partir da leitura ampliada da realidade de vida dos indivíduos, garantindo que as intervenções ocorram em consonância com as singularidades de cada um deles, pois a integralidade exige que os serviços deem conta das amplas necessidades de saúde da população.

Um dos desafios para a gestão se refere à participação popular na definição e acompanhamento das políticas de saúde sendo que os gestores devem incorporar esta questão como uma diretriz permanente em sua gerência (De

Souza, 2009). Frente a este desafio, a Revista Gestão em Sistemas de Saúde, apresenta o trabalho “Conselhos gestores de políticas públicas: relações entre estado e sociedade civil no contexto local”, de autoria de Pereira, Roberto, Gava e Silva, que traz à luz a discussão sobre a relação entre a representação organizada da sociedade nas tomadas de decisões da saúde local pelo poder público.

Vilarins (2010) destacou que a regulação do acesso à assistência é um desafio a ser superado, possibilitando aos gestores de todas as esferas regularem o perfil assistencial mais condizente com as necessidades da população a ser atendida. Tal enfoque é abordado nesta edição no artigo de Longaray, Santos, Rosa e Castelli, intitulado “Análise da disciplina de filas no atendimento ao cidadão em agências da previdência social: um estudo de caso”.

Outro desafio a ser enfrentado em vários setores da gestão em saúde é a qualidade do serviço prestado. A qualidade (de acordo com a OMS) é um conjunto de elementos que incluem: um alto grau de competência profissional, a eficiência na utilização dos recursos, um mínimo de riscos; um alto grau de satisfação dos pacientes e um efeito favorável na saúde (Honório & Albuquerque, 2005). Savassi (2012) ressaltou que gerir a qualidade dos serviços de saúde públicos é um grande desafio para a gestão e que ainda é preciso, além de mudanças gerenciais ou de financiamento, uma reorganização da cadeia produtiva a fim de promover uma alteração na cultura organizacional com o intuito de que a qualidade no atendimento e nos serviços prestados seja alcançada.

Nesta edição da RGSS os trabalhos selecionados de Cobaito (Glosas hospitalares sob a lente da qualidade total), Farias, Picchiai e Silva Junior (O controle higiênico-sanitário como indicador de desempenho e qualidade na lavanderia hospitalar) e de Gomes, Bittar e Fernandes (Sustentabilidade na saúde – água e seu consumo) propõem a discussão sobre a qualidade em diferentes frentes de atuação na saúde.

A reflexão sobre os desafios abordados e discussão a respeito de soluções para outros a serem superados, são as propostas da equipe editorial da RGSS. Esperamos que os leitores façam uma proveitosa imersão em outros tópicos desta edição e que tenham uma boa leitura.

### Referências Bibliográficas

- Aquino, S. (2013). Alinhando o conhecimento médico à gestão de sistemas de saúde: novos papéis e desafios. *Revista de Gestão em Sistemas de Saúde*, 2(1): 181-184.
- Bonfada, D., Cavalcante, J. R. L. P., de Araujo, D. P., & Guimarães, J. (2012). A integralidade da atenção à saúde como eixo da organização tecnológica nos serviços. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(2): 555-560.
- De Souza, L. E. P. F. (2009). O SUS necessário e o SUS possível: estratégias de gestão. Uma reflexão a partir de uma experiência concreta. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14 (3): 911- 918.
- Honório, M. T., & Albuquerque, G. L. (2005). A gestão de materiais em enfermagem. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 4(3): 259-268.
- Martins, C. C., & Waclawovsky, A. J. (2015). Problemas e desafios enfrentados pelos gestores públicos no processo de gestão em saúde. *Revista de Gestão em Sistemas de Saúde*, 4(1): 100-109.
- Savassi, L. C. M. (2012). Qualidade em serviços públicos: os desafios da atenção primária. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 7(23): 69-74.
- Vilarins, G. C. M. (2010). Regulação do Acesso à Assistência: conceitos e desafios. *Comunicação em Ciências da Saúde*, 21(1): 81-84.